

# Fuga do Inferno Vermelho: imigração de “Russos da China” para o Rio de Janeiro (1949-1960)

## Red Hell Escape: immigration of “Russians from China” to Rio de Janeiro (1949-1960)

**Gabriel Dias Cavalcante Mauro**

Graduado em História e pós-graduando em História e cultura no Brasil na Universidade Estácio de Sá (UNESA)

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é compreender o processo de imigração de russos da China para o Rio de Janeiro no período de 1949 a 1960, apresentando os contextos históricos e geopolíticos que levaram a este deslocamento, a partir de entrevistas, dando voz às memórias de três imigrantes russas nascidas em Harbin, na China. Investiga-se as diferenças linguísticas, religiosas, educacionais e culturais vivenciadas pelos imigrantes ao longo de suas jornadas, analisando o impacto dessas influências na inserção no território brasileiro. Além disso, busca-se também compreender os motivos e circunstâncias que colocaram o Brasil como destino dessas jornadas.

**Palavras-Chave:** Deslocados de guerra. Russos. Russos da China. Rio de Janeiro. Imigração.

**Abstract:** The aim of this study was to uncover the process of russian immigration, from China to Rio de Janeiro between 1949 and 1960, presenting a historical and geopolitical context of what led to this displacement, by interviews, we recall memories of three russians, borned in Harbin, China. Linguistic, religious, education and cultural affairs were investigated by different experience lived by these immigrants throughout their lives, besides analyzing the impact of these issues on processes of insertion in the brazilian territory. Ending up with an understanding about how they considered Brazil as a destination of their journey.

**Keywords:** War displaced. Russians. Russians from China. Rio de Janeiro. Immigration.

## Introdução

O indivíduo só se dá conta de sua “identidade” quando é questionado sobre ela.

Svetlana Ruseishvili

Na primeira metade do século XX, muitos russos habitavam a região chinesa da Manchúria. Essa ocupação teve seu início na construção da ferrovia transmanchuriana - trecho chinês da transiberiana - e se intensificou com a Revolução Bolchevique (1917) e a Guerra Civil Russa (1918-1922), eventos que fizeram com que muitos “russos brancos”<sup>1</sup> e refugassem neste território.

Em decorrência da Revolução Chinesa de 1949 e das políticas de nacionalização que visavam recuperar o país devastado pela guerra, a população russa da China perdeu sua autonomia na região e teve sua empregabilidade impossibilitada. Deste modo, eles se viram no dilema de se repatriar à União Soviética ou migrar para outros países como Austrália, Canadá, Argentina, E.U.A e Brasil.

Muitos russos conseguiram migrar para o Brasil enfrentando adversidades burocráticas como, por exemplo, a extinção da IRO, órgão da ONU que havia emitido documento para a migração. Havia grande preocupação entre os brasileiros contra a vinda de comunistas para o país, o que acabou por favorecer esses russos que eram em sua grande maioria monarquistas e favoráveis a Santa Rússia Czarista. Ao chegarem no Brasil, grande parte desses imigrantes foram deslocados para São Paulo e para o Sul do Brasil, mas muitos também se estabeleceram no Rio de Janeiro, onde formaram igrejas ortodoxas russas como a de Paróquia Santa Zenaide, no bairro de Santa Tereza.

Esse trabalho visa compreender, por meio de entrevistas realizadas com imigrantes russos da China, as visões dessas pessoas sobre os territórios para os quais migraram e os aspectos da vida cotidiana nessas distintas realidades. Desta forma buscando entender como eram seus modos de vida na China, como aconteceu o processo migratório para o Brasil e como se inseriram na Cidade e na sociedade do Rio de Janeiro no período de 1949 a 1960.

Os depoimentos a serem utilizados neste artigo são produto de entrevistas realizadas com três imigrantes russas nascidas na cidade chinesa de Harbin, esses depoimentos foram coletados na Paróquia Santa Zenaide, igreja onde as mesmas frequentam com suas famílias desde a vinda para o Brasil. As entrevistas foram feitas de modo a abordar suas visões sobre o processo migratório de suas respectivas

---

<sup>1</sup> O termo “russos brancos” é utilizado neste trabalho para se referir aos russos que se alinharam pró-monarquia e contra os Bolcheviques após a Revolução de Outubro

famílias e sobre a vida cotidiana na China e no Brasil, focando principalmente nas práticas religiosas, na educação e no trabalho.

A fim de compor um panorama histórico dessa migração será utilizada, além da bibliografia específica de imigração russa, também textos que abordam os processos históricos que circundam essa imigração. Deste modo, o estudo sobre a evasão dos russos da China ajuda a compreender diversas relações geopolíticas do início do século XX. Com o intuito de alcançar mais informações sobre a chegada desse grupo ao Brasil, utilizarei de algumas matérias do jornal *A Noite* (RJ) que revelam alguns detalhes e a visão do jornalismo brasileiro quanto a estes recém-chegados.

## A Revolução Bolchevique e a Guerra Civil

É impossível compreender as especificidades do processo migratório dos russos da China sem explicitar os eventos da Revolução Bolchevique de Outubro de 1917 e da Guerra Civil Russa (1918-1922). Eventos esses que foram responsáveis por provocar o deslocamento desta população russa para o território chinês.

O regime czarista se via enfraquecido após a revolução de 1905, enfrentando com falta de diálogo e repressão os movimentos advindos do crescente e generalizado descontentamento social. A entrada da Rússia na Primeira Guerra Mundial acentuou os problemas econômicos, a escassez e o desabastecimento (REIS FILHO, 2000: 43), tornando inevitável a derrubada da monarquia, que veio a acontecer com a revolução de fevereiro de 1917.

Diante dessa insurgência, formaram-se duas instituições políticas: o Governo Provisório, estabelecido a partir da Duma Imperial e o Soviete de Petrogrado. Entretanto, ficavam claras as contradições entre as decisões do Governo Provisório e os anseios da sociedade, exemplificados no lema (Pão, Paz e Terra), o que levava a um cenário extremo de descontentamento e desordem que culminou na Revolução de outubro de 1917 (REIS FILHO, 2000: 48-52), presidida pelo Partido Bolchevique.

As tropas soviéticas tomaram o palácio de inverno em 24 de outubro de 1917, levando os bolcheviques ao poder. Após isso, ocorreu a aprovação de uma série de decretos que visavam atender os clamores dos proletários, camponeses e soldados. Entre esses decretos estava o *Sobre a abolição de estamentos e categorias civis* que proporcionou uma inédita mobilidade social na Rússia, fragilizando a estrutura da sociedade monárquica, formando uma nova elite proveniente das classes marginalizadas e revogando o *status* das antigas classes privilegiadas (RUSEISHVILI, 2016: 50).

Os primeiros momentos após a instauração do governo bolchevique foram de grande instabilidade, o que se agravou ainda mais com a retirada do país da Primeira Guerra Mundial mediante a assinatura do tratado de Brest-Litovsk com a Alemanha que era humilhante para com os russos, ainda de forma a contradizer o programa original do governo. Além disso, o poder do partido ainda estava concentrado no âmbito urbano (REIS FILHO, 2000: 55), lançando o desafio de estendê-lo por todo o território e promover sua legitimidade.

Os grupos pró-monarquia passaram a organizar movimentos de contrarrevolução, promovendo a formação dos “Exércitos Brancos” liderados pelas personalidades vencidas do regime czarista. Esses foram perseguidos na sociedade soviética, tendo seus diplomas invalidados e o acesso às universidades vetado.

Ainda em decorrência da separação entre igreja e Estado, a Igreja Ortodoxa passa a incentivar seus fiéis a se unirem aos contrarrevolucionários contra os novos governantes que o Patriarca da igreja acusava de serem “espíritos insensatos” em um “projeto realmente satânico” proibindo os fiéis de manterem relação com esses “restolhos do gênero humano” (MARIE, 2017: 37).

A decisão Soviética de assinar o tratado de Brest-Litovsk com a Alemanha e sair da Primeira Grande Guerra contraiu o desagrado das potências que compunham a Tríplice Aliança que decidiram por apoiar as forças brancas, dando a elas um fôlego que permitiria transformar a Rússia Soviética em uma faixa de terra sem quase nenhum acesso ao mar.

Era de praxe que as batalhas da guerra civil acompanhassem o contorno das ferrovias, visando a utilização do trem como transporte para que as tropas conquistassem os centros urbanos do extenso território russo em maior velocidade (MARIE, 2017: 34). As principais ofensivas brancas ocorriam no norte e no sul do país, cujas tropas chegaram perto de conquistar a cidade de Moscou – o que teriam feito se não fosse a desorganização de seus oficiais e o fato de maltratarem intensamente os camponeses nos territórios conquistados, ganhando assim o ódio das massas que passaram a lhes atacar pela retaguarda levando à derrota (MARIE, 2017: 157).

Obrigados a evacuar, passaram a deixar o país com apoio dos aliados pelos mares do Norte e do Sul, o restante dos movimentos brancos foi pressionado pelo Exército Vermelho a seguir pelo oriente seguindo o contorno da ferrovia Transiberiana e adentrando no território chinês. Cerca de 100 mil pessoas se deslocaram da Rússia para a China durante a guerra civil e esse número continuou a crescer mesmo no pós-guerra (RUSEISHVILI, 2016: 85).

Pontos importantes para entender as dinâmicas da guerra civil russa que levaram ao movimento migratório de famílias da Rússia para a China estão presentes

no relato de Militza Putziger sobre a atuação de seu avô no movimento branco:

Como participou muito da primeira guerra podia estar assim... não mais na ativa, mas quando surgiu a revolução ele se sentiu na obrigação de combater pelo Czar. Então começou a guerra civil e ele participou da guerra civil e então foi combatendo contra os comunistas e chegou ao posto de general, ele foi é... Assim... combatendo, combatendo e se retirando, porque o exército branco estava perdendo, eles foram... então atravessaram a Mongólia, deserto de Gobi e achavam que já estariam... assim, estavam se dirigindo para a China onde haviam muitos russos. [...] A esposa dele, minha avó, a família era de São Petersburgo, né, então ela estava lá e na medida que soube que o marido depois foi executado, né, ela veio com os três filhos para Manchúria, para Harbin, né.<sup>2</sup>

É perceptível, de acordo com esse relato, o sentimento de obrigação do avô da depoente em combater em nome do Czar russo, mesmo ele podendo não estar mais na ativa. Em consequência de sua morte, a família se vê na necessidade de buscar por segurança no território chinês, que já era ocupado por um grande número de russos, principalmente na cidade de Harbin.

## Os russos na China

Muitos dos russos que se deslocaram para a China se estabeleceram na cidade de Harbin, capital da província de Heilongjiang na região da Manchúria, cidade fundada em 1898 para a população russa envolvida na construção da ferrovia transmanchuriana, trecho chinês da ferrovia transiberiana. Outras cidades como Tianjin e Xangai também receberam um grande número de imigrantes russos, entretanto Harbin foi a maior colônia de russos em território chinês, cenário de grande ascensão social devido à sua autonomia administrativa e localização estratégica (RUSEISHVILI, 2016: 86).

Muitos dos russos que fugiram da guerra civil buscavam refúgio na China, por saber que muitos de seus conterrâneos já habitavam o território desde a construção da ferrovia transmanchuriana, também conhecida como Ferrovia Oriental Chinesa, como percebemos em um outro trecho do relato de Militza:

[...]. Os meus avós maternos foram pra China em 1905, muito antes da Revolução, da primeira guerra, trabalhar nos escritórios da Estrada de Ferro, né, como muitos russos trabalharam na construção de tudo, então a cidade de Harbin, né, foi crescendo com essa imigração russa. E depois da revolução muitos fugiram então

<sup>2</sup> Militza Putziger Depoimento de 14/10/2018, Rio de Janeiro.

do regime comunista e onde tinha russos era lá, então foram para lá, como alguns para outras cidades como “Tinjin”<sup>3</sup> e Xangai, mas Harbin ficou uma cidade grande russa.<sup>4</sup>

Isto posto, notamos a necessidade de mão de obra para trabalhar nos escritórios administrativos da ferrovia, além dos trabalhadores responsáveis pela construção da estrada de ferro, proporcionando um grande crescimento econômico principalmente na cidade de Harbin, que foi se tornando uma cidade com fortes traços russos dentro do território chinês.

Diversas instituições de origem russa foram se estabelecendo nesta região de modo a tornar a vida cotidiana cada vez mais parecida com a da Rússia, portanto havia um grande número de escolas e universidades que seguiam as tradições do Império Russo. Na cidade de Harbin a presença dessas instituições era predominante, diferente das outras cidades (Tianjin e Xangai) onde a presença russa se misturava mais com a presença de diversos outros grupos estrangeiros existentes.

Em um relato de Tamara Aprelkoff são explicitadas as diferenças entre a educação na cidade de Harbin e nas demais cidades que recebiam imigrantes russos:

Educação lá na “Manjúria”<sup>5</sup> era tudo russo, em Xangai e “Tinjin” era mais estrangeiras, agora na “Manjúria” era tudo russo, escolas russas. [...] Era escolas russas, professores russos, tudo assim, tudo matéria em russo e estudávamos bastante coisas: Geografia, História de mundo inteiro, literatura também de mundo inteiro, um pouco diferente como na escola inglesa e francesa, lá eles chegaram e só sabiam só a história da França, agora de resto não sabia nada.<sup>6</sup>

A depoente demonstra como a educação da Manchúria (Harbin) era voltada para o modo de vida russo, abordando os conteúdos em língua russa e com professores russos. Entretanto, de acordo com a visão da depoente, os conteúdos trabalhados nas escolas russas tinham mais abertura quanto à cultura de várias partes do mundo do que as escolas estrangeiras, que buscavam trabalhar apenas com conteúdo específicos de uma nacionalidade. De acordo com o depoimento, os alunos das escolas estrangeiras eram limitados ao conhecimento sobre o país de origem do colégio. Percebemos então que as escolas russas buscavam atender as demandas de seu povo original, a manutenção de sua cultura e formação de seus cidadãos, enquanto

<sup>3</sup> Pronúncia russificada de Tianjin.

<sup>4</sup> Militza Putziger Depoimento de 14/10/2018, Rio de Janeiro.

<sup>5</sup> Pronúncia russificada de Manchúria.

<sup>6</sup> Tamara Aprelkoff Depoimento de 14/10/2018, Rio de Janeiro.

as escolas estrangeiras visavam levar a cultura de seus países de origem para dentro do território chinês.

Outro relato de Militza ajuda a dar noção da grande quantidade de instituições de ensino russas existentes na cidade de Harbin:

[...] que que acontecia na nossa cidade, como era uma cidade russa bem desenvolvida, nós tínhamos: universidade russa, escola politécnica, escolas... tínhamos quatro escolas é, fundamental e médio né. Tudo baseado assim... com professores que vieram da Rússia né, [...]. Então seguia-se a tradição da Rússia, vivia-se como se fosse na Rússia né.<sup>7</sup>

Em outro trecho ainda diz: “[...] a escola politécnica, as universidades, formavam médicos e tudo, o ensino era muito bom, nós tínhamos professores muito gabaritados”.<sup>8</sup>

O grande desenvolvimento de Harbin nessa época proporcionou a criação de uma grande quantidade de instituições de ensino que, conforme os relatos, tinham grande excelência em seu ensino, formando os profissionais técnicos para o mercado de trabalho da região, fortemente ligado à ferrovia e profissionais como médicos, que são fundamentais para o funcionamento da cidade.

O relato de Galina Alexandrovna Awerianow muito nos diz sobre o ensino básico para meninas:

[...] eu fui colocada numa escola internato, porque naquela época era comum as meninas russas que iam para a escola internato para aprenderem mais coisas, fiquei lá mais ou menos de 41 até 45, aí em 45 eu saí e fui estudar na escola inglesa de freiras católicas por isso...<sup>9</sup>

Galina viveu em Xangai durante a infância, portanto, conforme vimos nos relatos anteriores, ela teve mais contato com as escolas estrangeiras, neste caso ela estudou em uma escola inglesa de freiras católicas, mesmo sendo russa de fé ortodoxa mesmo sendo russa de fé ortodoxa, o que demonstra uma flexibilidade em deixar a filha estudar em uma escola de orientação religiosa diferente. Segundo a mesma, era comum que durante o ensino básico as meninas russas fossem colocadas em internatos e que esse era considerado o melhor tipo de ensino para elas, onde acreditava-se que aprenderiam mais.

<sup>7</sup> Militza Putziger Depoimento de 14/10/2018, Rio de Janeiro.

<sup>8</sup> Militza Putziger Depoimento de 14/10/2018, Rio de Janeiro.

<sup>9</sup> Galina Awerianow Depoimento de 14/10/2018, Rio de Janeiro.

O acesso à língua inglesa nas escolas estrangeiras possibilitou um certo grau de empregabilidade em escritórios, como é dito por Militza ao falar da profissão de sua mãe: “Minha mãe estudou na YMCA (Associação Cristã dos Moços/ Young Men’s Christian Association) que tinha um ramo lá, inglês, então ela tinha um inglês fluente, trabalhou como professora um pouquinho... depois acho que como secretária.”<sup>10</sup>

De acordo com isto, além de perceber a presença da Associação Cristã dos Moços de um ramo inglês na região da Manchúria, é perceptível o quanto que ter um inglês fluente ajudou na inserção no mercado de trabalho, primeiro como professora e depois como secretária. Assim demonstra-se uma demanda por profissionais com inglês fluente e, portanto, pelo ensino da língua inglesa nas escolas estrangeiras, fazendo com que algumas pessoas deixassem as escolas russas para ingressar em escolas estrangeiras onde seriam melhor adequadas a uma lógica internacional.

No que diz respeito à religião, também havia grande pluralidade e uma coexistência harmônica, de acordo com as depoentes. Na cidade de Harbin era predominante a fé ortodoxa, entretanto elas se recordam da existência de múltiplos grupos religiosos, de seus templos e feriados. O relato de Tamara Aprelkoff revela:

Era ortodoxos, lá na “Manjúria” era a maior parte ortodoxos. Tinham outras religiões né, tinha muitos judeus, eles tinha as sinagogas deles e feriados deles, mas nunca se tinha... (como que fala?) assim... brigas não, nunca tinha. Tinha Católicos também, muito protestantes e até eu me lembro a igreja das protestantes, mas era muito pouco protestantes, católicos. Maior parte da ortodoxos, tinham muitas igrejas, não sei quantas... 20/30 igrejas na “Manjúria” de Ortodoxos, principalmente na cidade Harbin, tinha bastante igrejas.<sup>11</sup>

E as palavras de Militza complementam:

[...] então seguíamos tradições religiosas ortodoxas, havia também uma sinagoga, havia igreja católica, não me lembro se tinha alguma mesquita (provavelmente), mas era sobretudo... a maioria era realmente de russos ortodoxos.<sup>12</sup>

Nesses dois trechos fica clara a presença de judeus, católicos, protestantes e possivelmente de muçulmanos na Manchúria, notando-se que Tamara percebe certa harmonia na convivência entre esses grupos religiosos. A predominância re-

<sup>10</sup> Militza Putziger Depoimento de 14/10/2018, Rio de Janeiro.

<sup>11</sup> Tamara Aprelkoff Depoimento de 14/10/2018, Rio de Janeiro.

<sup>12</sup> Militza Putziger Depoimento de 14/10/2018, Rio de Janeiro.



ligiosa na região é sem dúvida de cristãos ortodoxos, onde Tamara diz haver umas 20 ou 30 igrejas.

A região da Manchúria havia sido alvo de constantes disputas entre a Rússia, o Japão e a China. Nos anos de 1922 a 1927 houve relativa paz e calma no território mediante as convenções do Tratado das Nove Potências (1922). Entretanto, aumentaram-se as tensões entre China e Japão ao fim da década de 20 e em 1931 o Japão dominou as três províncias da Manchúria transformando-as no Estado de Manchukuo em 1932, Estado esse subordinado aos interesses japoneses (POMAR, 2004: 44). Durante a dominação japonesa, o uso público da língua nativa foi restrin- gido, prejudicando as relações comerciais (RUSEISHVILI, 2016: 88).

Os eventos da guerra entre China e Japão e da Segunda Guerra Mundial marcaram as memórias da infância de Galina Awerianow que vivia em Xangai:

[...] em 39 houve guerra entre China e Japão, mas eu só sei isso pela história, porque você sabe... você é uma criança você não vê as dificuldades, desde que você tenha comida e lugar para dormir você tá feliz... não é verdade?! E aí depois entrou a guerra... Segunda Guerra Mundial, né e naturalmente eu também passei numa boa, a única coisa que sei é que de vez em quando tinha aquele sinal de sirene e a gente tinha que entrar num lugar assim debaixo da terra se houver bombardeio, mas sorte que em Xangai não houve bombardeio, [...] <sup>13</sup>

Ela diz que os bombardeios não aconteciam no local em que estava, mas em regiões próximas. Os eventos da guerra não afetaram tanto sua vida de criança, entretanto a memória ficou marcada pelo barulho das sirenes que anunciavam os ataques e dos abrigos subterrâneos antibombas.

O domínio japonês desestabilizou a vida socioeconômica da população de Harbin através da discriminação dos trabalhadores chineses e russos e a colocação desses trabalhadores em concorrência desleal com os trabalhadores japoneses (RUSEISHVILI, 2016: 88). No ano de 1934 estabeleceram o Bureau of Russian Émigré Affairs in Manchukuo (BREM) e a obrigatoriedade de todos os adultos de se cadastrarem nesse órgão de controle da população (MOUSTAFINE, 2013: 151). Em 1945 a URSS ocupou a Manchúria declarando guerra ao Japão e entregando a região mais tarde aos comunistas chineses, fator que contribuiria para a vitória dos comunistas na Revolução de 1949.

A ocupação da União Soviética na Manchúria modificou a lógica das instituições russas na região que passaram a seguir regimentos soviéticos. Militza relata:

<sup>13</sup> Galina Awerianow Depoimento de 14/10/2018, Rio de Janeiro.

[...] depois da... na segunda guerra, então os japoneses foram rechaçados, foram vencidos e o exército russo veio é... para a China também, para combater os japoneses, né (eu falei japoneses lá, não?). Então quando o governo chinês tornou-se comunista todas as instituições que nós tínhamos: escolas... tudo, tornaram-se... quer dizer... obedeceram a... digamos... às leis soviéticas. Então as escolas tinham um programa soviético, né... as universidades, tudo. Agora, as igrejas continuaram, naquele momento não houve na China uma perseguição. Bom, eu sou de 1943, então em 49 tinha 6 anos e não me lembro de uma perseguição, só foram perseguidos os que colaboraram com os japoneses, coisa de guerra, é normal, não é?<sup>14</sup>

Posto isso, percebemos uma alteração nas instituições que passaram a seguir leis soviéticas: as escolas e universidades agora deveriam adotar este padrão. Entretanto, é interessante perceber que as igrejas neste primeiro momento não foram caçadas e que até então só havia perseguição aos que colaboraram com a dominação japonesa.

Em outro momento do depoimento de Militza ela ressalta que apesar de não haver a perseguição da religião, houve o fim do ensino religioso nas escolas e o desestímulo às práticas religiosas que ficavam cada vez mais restritas ao ambiente familiar:

Quando eu fui para a escola com 7 anos, já não havia na escola o ensino religioso, claro, que era tudo soviético, não era perseguido, mas não era estimulado. Dentro da família nós seguíamos sempre os preceitos ortodoxos.<sup>15</sup>

Assim, ficam claras as mudanças nas lógicas de ensino com a entrada dos soviéticos e o desestímulo às práticas religiosas fora do âmbito familiar, apesar de que, como já foi dito, neste momento não houve forte perseguição dessas práticas.

Em 1º de outubro de 1949, na Praça da Paz celestial em Beijing, Mao Zedong proclamou a República Popular da China, entretanto, o país estava devastado devido ao longo período de guerras. As primeiras medidas do novo governo visavam promover a recuperação da economia, a reforma agrária, a redução do desemprego e a industrialização (POMAR, 2004: 63).

A pouca indústria siderúrgica existente no país estava concentrada na Manchúria (POMAR, 2004: 63), as políticas de estatização do governo comunista puseram fim à autonomia dos russos no território harbinense, os empregos logo foram cortados para os russos que se viram obrigados a escolher entre se repatriar voluntariamente à URSS ou migrar para outros países como Austrália, Canadá, Argentina,

<sup>14</sup> Militza Putziger Depoimento de 14/10/2018, Rio de Janeiro.

<sup>15</sup> Militza Putziger Depoimento de 14/10/2018, Rio de Janeiro.

E.U.A e Brasil (RUSEISHVILI, 2016: 89-90).

O discurso de nacionalização do trabalho em favor da população chinesa é algo marcante nos relatos dessas imigrantes e sempre repetido por elas. Tamara relata: “Na “Manjúria” as russos chegaram e começou depois ahm... Mao Tsé-tung entrou e virou comunismo, por isso que a gente devia depois sair de lá, porque chineses falaram que a China é para chineses e não para estrangeiros.”<sup>16</sup> Militza também relata:

Depois... quer dizer... para a minha família, quando o comunismo veio haviam duas possibili... os chineses (eu estou repetindo o que sempre ouvi), os chineses disseram: “Olha, a China é dos chineses, é para os chineses”. Então eles não queriam mais os estrangeiros, né, então tinham duas opções: ou as pessoas iam para a Rússia, alguns optaram e tiveram uma vida muito difícil na Rússia, porque foram lá para o interior trabalhar a terra, enfim... e podia-se migrar.<sup>17</sup>

Esses trechos muito dizem sobre a política de nacionalização do trabalho implantada pelo governo comunista na China. Dizem também sobre como esses estrangeiros deixaram de se sentir bem-vindos no território chinês, onde a vida se tornava cada vez mais difícil. Diante disso, eles se deparam com duas possibilidades: se repatriar à URSS ou migrar para outro país. E como diz o segundo relato, as condições de vida não foram as melhores para os que escolheram se repatriar.

O relato de Galina já destaca a saída de sua família da China pelas perdas de liberdade com a ascensão do comunismo:

[...] a minha mãe saiu por causa disso... porque começaram a falar que vai entrar o governo comunista, porque quando nós estávamos morando lá era o governo do Chiang Kai-shek que era digamos considerado livre, né, aí com a chegada de comunismo a minha mãe resolveu sair e essa organização (IRO) também nos incentivou a gente sair e então nós fomos.<sup>18</sup>

A mãe de Galina havia se casado com um chinês, todavia, nesse período já era viúva e, segundo este relato, saiu da China com o medo da perda de liberdade que era anunciada de ocorrer com a entrada dos comunistas e, além disso, é relatado que a IRO (Organização Internacional de Refugiados) as incentivou a deixar o país.

Portanto, a migração de russos para a China aconteceu principalmente para a cidade de Harbin, na Manchúria, e em menor número para outras cidades

<sup>16</sup> Tamara Aprelkoff Depoimento de 14/10/2018, Rio de Janeiro.

<sup>17</sup> Militza Putziger Depoimento de 14/10/2018, Rio de Janeiro.

<sup>18</sup> Galina Awerianow Depoimento de 14/10/2018, Rio de Janeiro.

como Tianjin e Xangai. A cidade de Harbin se tornou bastante desenvolvida, principalmente pela presença da ferrovia transmanchuriana, proporcionando a criação de muitas instituições de ensino. A cultura predominante nessa região era a dos russos e estava presente na maioria dos colégios e igrejas, apesar de haver relativa diversidade cultural.

Essa realidade passa a mudar a partir da entrada dos russos soviéticos na região que fez com que todas as instituições tivessem que se adaptar aos moldes soviéticos, porém nesse momento houve possivelmente de certa tolerância quanto à religião, apesar do desestímulo às práticas religiosas. Foi com a instauração do comunismo na China que esses russos se viram impossibilitados de permanecer no território chinês, postos diante da escolha de migrar para outro país ou se repatriar à URSS, devido à política de nacionalização do trabalho. Os russos que viviam nas outras cidades conviviam com a uma maior pluralidade cultural, tendo mais contato com escolas de muitos países e diversidade de religiões.

## Da China ao Brasil

Visto que não parecia uma boa ideia participar da repatriação voluntária à União Soviética, grande parte dos “Russos da China” decidiu migrar para outros países conforme as aberturas das outras nações para estrangeiros. Então, migrar para onde? Os relatos das imigrantes respondem essa questão:

Militza Putziger diz:

[...] os países que deram é... abriram cotas de imigração foram Brasil e Austrália, eu não me lembro se Paraguai abriu também, mas Paraguai é um país pequeno, eu sei que não houve... que eu conheço... não conheço ninguém que foi pro Paraguai. Mas foram muitos russos para a Austrália e muitos russos cá. Financiado como? Pelo Conselho Mundial de Igrejas<sup>19</sup> (World Council of Churches), né, eles financiavam nossa passagem, né... e depois nós aqui aos poucos reembolsamos, né... essas passagens.<sup>20</sup>

O relato de Tamara complementa: “[...] A gente queria ir para a Austrália, mas não conseguiu, já era tarde, 52/53 e não conseguiu documentos, porque Aus-

<sup>19</sup> O Conselho Mundial de Igrejas, criado em 1948, reuniu grande parte das igrejas cristãs protestantes e ortodoxas em busca da unidade e solidariedade entre os cristãos diante da capacidade destrutiva da civilização moderna (DIAS, 1998: 129).

<sup>20</sup> Militza Putziger Depoimento de 14/10/2018, Rio de Janeiro.

trália acho que não queria mais imigrantes, então fizeram para cá documentos.”<sup>21</sup>

Entretanto, o relato de Tamara diz que quando sua família saiu da China, a Austrália já não mais queria imigrantes, pois não conseguiram documentos para migrar para lá. O primeiro trecho também destaca a participação do Conselho Mundial de Igrejas no financiamento da vinda para o Brasil e que uma vez aqui estabelecidos, os imigrantes reembolsaram as passagens para esse conselho.

A URSS havia expandido sua influência sobre a Europa após a Segunda Guerra Mundial e exigia dos países europeus que realizassem a repatriação forçada dos russos refugiados na Europa. Por esse motivo, os órgãos responsáveis por solucionar a crise de refugiados adotaram a estratégia de alocar esses refugiados nas américas do Norte, do Sul e também na Austrália (RUSEISHVILI, 2018: 1-2).

Outros trechos importantes do depoimento de Militza são os em que ela declara a intenção de sua família de ir para os Estados Unidos: “O sonho pessoal de muitos era ir para os Estados Unidos, de muitos, né, mas os Estados Unidos não tinham aberto cotas então... trabalharam aqui, [...]” e ainda reitera: “Então alguns já tinham parentes lá e eu acho que os Estados Unidos representava meio que um paraíso financeiro, quer dizer... e muitos já falavam inglês, então era mais simples.”<sup>22</sup>

Esses trechos do depoimento mostram, além da impossibilidade de ir para os EUA devido à falta de cotas de imigração, as motivações que despertavam o interesse nesse país, sendo a já existência de parentes lá e a facilidade de muitos com a língua inglesa, que já haviam aprendido nas escolas estrangeiras da China.

O depoimento de Galina Awerianow se difere do das demais, já que ela vivia em Xangai e saiu da China com a ajuda da IRO:

[...] nós fomos na verdade levados pela essa organização... chama-se International Refugee Organization, eles levaram a gente para Filipinas, ficamos lá dois anos e depois eles apanharam a gente de novo e levaram para Hong Kong, [...] <sup>23</sup>

Em outro momento do depoimento a mesma complementa:

[...] essa Organização preparou tudo, documentos e tudo, a gente sentou no navio e foi até as Filipinas. Chegando lá eles fizeram... nós moramos lá dentro de umas coisas... eram umas casas assim feitas no tipo de guerra... tipo militar e nós moramos lá, aí eles forneciam comida e forneciam tudo, era uma beleza... minha mãe

<sup>21</sup> Tamara Aprelkoff Depoimento de 14/10/2018, Rio de Janeiro.

<sup>22</sup> Militza Putziger Depoimento de 14/10/2018, Rio de Janeiro.

<sup>23</sup> Galina Awerianow Depoimento de 14/10/2018, Rio de Janeiro.

não tinha que trabalhar nem nada... porque meu pai já tinha morrido nessa época.<sup>24</sup>

De acordo com isso, a IRO foi responsável por preparar toda a ida da família de Galina para as Filipinas, onde foram colocados em construções de guerra no estilo militar, ela ainda relata que gostava do fato de a mãe não precisar trabalhar para prover o sustento nesse período, já que seu pai já havia morrido na época.

A respeito da atuação da IRO em promover a retirada dos refugiados da China é importante ressaltar que essa organização durou apenas até 1952, sendo a primeira entidade especializada da ONU a ser extinta, mesmo sem ter cumprido seus objetivos. Com essa extinção, as obrigações da Organização foram transferidas para os Estados e para outras organizações (ANDRADE, 2005:11).

Diante disso, a edição do jornal *A Noite* (RJ) de Segunda-feira- 7 de setembro de 1953, traz em sua capa a manchete *Russos Brancos impedidos de desembarcar*. O corpo da matéria diz que Russos Brancos recém-chegados ao Brasil relatam os dramas vividos no “Inferno Vermelho” sob o domínio de Mao Tsé Tung. A matéria também dá destaque aos dilemas vividos pelos refugiados, não querendo se repatriar à Rússia e se vendo na necessidade de fugir para Hong Kong e migrarem para o Brasil, bem como que muitos ficavam de três a quatro meses à espera de meios para deixar a China. A matéria também fala de refugiados que chegaram ao Brasil sem condizer com os critérios de seleção para trabalho, por serem velhos demais ou por não terem profissão que podiam exercer aqui. E finalmente termina dizendo que os documentos desses recém-chegados possuíam timbre da IRO, órgão da ONU que já não mais existia e fora substituído pelo CIME (Comitê Intergovernamental para Migrações Europeias), que não possuía jurisdição na Ásia.

Em outra edição do mesmo jornal (*A Noite*. 16 de set. 1953), essa de 16 de setembro de 1953, temos outra situação de problemas com documentações de imigrantes. Uma matéria na página 13 diz que imigrantes chegaram da Ásia com documentação emitida pelo CIME (sem jurisdição no território asiático) e foram impedidos de desembarcar, esses cometeram atos de rebeldia e solicitaram à bordo a presença do encarregado no Brasil por assuntos do CIME, Carlos Fedele, que depois de uma longa conferência com o diretor do DNI (Departamento Nacional de Imigração) liberou o desembarque dos imigrantes. Ele alegou que esses foram até o porto de Gênova custeados pela IRO e de lá vieram para o Brasil custeados pelo CIME.

São muitas as matérias de jornal que sucedem a essas tratando das dificuldades de Russos Brancos da China em desembarcar no Brasil devido às irregularidades na documentação. É possível perceber nas reportagens citadas relatos que

<sup>24</sup> Galina Awerianow Depoimento de 14/10/2018, Rio de Janeiro.

condizem com os depoimentos das imigrantes russas, como a ida para Hong Kong, que no momento era domínio britânico, como maneira de sair do território chinês e vir para o Brasil.

O relato de Militza Putziger fornece todo o trajeto feito de Harbin até o Rio de Janeiro:

Então saímos da China de trem até ‘Tinzin’, depois de “Tinzin’ até Hong Kong, num navio pequeno, em Hong Kong ficamos um mês esperando o navio, era uma linha de navios holandesa, então viemos de terceira classe. [...]O navio no qual nós viemos chamava se Tegelberg, [...] era uma linha holandesa, eu agora não estou me lembrando de outros, mas antigamente tinha lembrado, levamos 45 dias vindo, né. Fomos então... nós fomos de Hong Kong, vai passando por Singapura, aquelas ilhas de Java, Bornéu e Celebes, depois não fomos até a Índia não, fomos até Madagascar, depois ali... no que hoje em dia é Moçambique, né, descendo até Lourenço Marques que acho que hoje em dia é Maputo, Port Elizabeth, Durban, Cidade do Cabo e aí sete dias até o Rio de Janeiro, outros foram até Santos.<sup>25</sup>

De acordo com esse relato, ela e sua família foram de Harbin a Tianjin de trem, onde pegaram uma pequena embarcação para Hong Kong onde, após um mês de espera, pegaram um navio holandês de nome Tegelberg, que fez rota pela Oceania, passando pela África e seguindo para a cidade do Rio de Janeiro. Ainda destaca que outros imigrantes seguiram para Santos.

Portanto, diante da necessidade de migrar da China para outros lugares, esses imigrantes estiveram diante de muitas limitações, já que apenas um número restrito de países poderia lhes receber e as cotas para migrar para esses países eram estreitas. Mesmo assim, fatores como a língua e a já existência de parentes no local eram de grande influência na escolha do destino.

Entidades como a IRO e o Conselho Mundial de Igrejas foram importantes para o financiamento dessas viagens para fora da China. Também é visível que o fim da IRO provocou dificuldades e irregularidades quanto às documentações, visto que os órgãos que substituíram essa organização não possuíam a mesma jurisdição.

Muitos russos deixavam a China em pequenas embarcações e iam para Hong Kong, que era protetorado britânico, e lá ficavam à espera de meios para conseguir os documentos necessários para a migração, financiamento para a passagem e embarcações para realizar a viagem até o Rio de Janeiro.

<sup>25</sup> Militza Putziger Depoimento de 14/10/2018, Rio de Janeiro.

## No Rio de Janeiro

Chegando no porto do Rio de Janeiro, esses imigrantes precisavam se adaptar ao novo país, aprender a sobreviver na cidade e buscar por moradia, emprego e educação. Nesse processo, muitos foram para a cidade de São Paulo após um tempo no Rio de Janeiro e outros decidiram permanecer na capital.

O relato de Militza ilustra como foram os primeiros meses de sua família no Rio de Janeiro:

[...] nós fomos colocados num hotel simples na Avenida Mem de Sá, Parque Hotel, então ficamos uns 3 dias lá. Uma grande surpresa foi abrir a torneira e não ter água, naquele tempo o Rio de Janeiro sofria de muita falta d'água, enquanto não foi construída a elevatória de Guandu tinha isso. Então ficamos uns três dias lá, como a minha avó tinha um irmão, então eles nos ajudaram e alugamos primeiro um quarto [...] <sup>26</sup>

O Parque Hotel também é citado na matéria de 16 de setembro de 1953 do jornal *A Noite* (RJ) como destino de russos brancos recém-chegados ao Brasil, podendo ser um local típico para a hospedagem desses imigrantes. Outro aspecto que chama atenção nesse relato é a da falta de água recorrente no Rio durante esse período à qual esse grupo precisou se adaptar. Também é importante o fato de que a avó de Militza já possuía um irmão que morava no Rio e lhes ajudou para que alugassem um quarto.

No relato de Galina é possível perceber semelhanças quanto à existência de conhecidos que já moravam no Rio: “[...] minha mãe já tinha uma amiga que morava na rua Siqueira Campos, perto do Túnel Velho e nós fomos pra casa dela, então ficamos na casa dela dois meses [...]”<sup>27</sup>. Em depoimento Tamara também afirma: “[...] minha prima já estava aqui, a gente tinha já apartamento na Copacabana, ela trabalhava já, trabalhava na H. Stern [...]”<sup>28</sup>

Deste modo, é possível destacar que a presença de parentes e amigos já habitantes do Rio de Janeiro foi um fator essencial tanto para a escolha da cidade como destino, quanto para a adaptação neste novo ambiente urbano ao qual haviam chegado, sendo o papel dessas pessoas muito importante para que eles encontrassem abrigo permanente ou provisório.

Os depoimentos dão grande destaque à importância da língua inglesa para

<sup>26</sup> Militza Putziger Depoimento de 14/10/2018, Rio de Janeiro.

<sup>27</sup> Galina Awerianow Depoimento de 14/10/2018, Rio de Janeiro.

<sup>28</sup> Tamara Aprelkoff Depoimento de 14/10/2018, Rio de Janeiro.



que conseguissem emprego tanto no Rio de Janeiro e também em São Paulo. Militza afirma:

Minha mãe falava inglês, então pra ela aqui foi fácil, rapidamente ela aprendeu português e foi trabalhar como secretária aqui, na antiga Mesbla, existia ali no centro da cidade - Passeio Público. Já para o meu pai foi difícil aprender português, ele aprendeu português técnico pra ser engenheiro, quer dizer... inglês e português, então acho que a língua também era uma barreira.<sup>29</sup>

O relato de Galina complementa:

Em São Paulo eu arranjei emprego [...] no escritório de um russo, [...] ele precisava de uma funcionária que soubesse justamente entender, escrever e falar russo [...]. Aí fiquei lá uns dois anos, aprendi português e aí fui prestar exame na Real Aerovias para ser aeromoça porque eu já falava inglês que aprendi na China. [...] <sup>30</sup>

Conforme esses relatos, saber língua estrangeira, principalmente inglês, era um grande facilitador para que eles conseguissem empregos no Brasil. O pai de Militza passa por dificuldades por não conseguir aprender a língua portuguesa e precisa aprender ao menos os termos técnicos para conseguir trabalhar. Isso mostra que da mesma forma que o domínio da língua inglesa podia abrir portas, a dificuldade de muitos para aprender português dificultava a vida de trabalho. Galina ainda ressalta que aprendeu a língua inglesa na China, onde ela teve a oportunidade de estudar em uma escola inglesa.

A religiosidade foi um importante ponto de contato entre os russos da China e os imigrantes russos que já haviam se estabelecido aqui anteriormente, visto que a Igreja Ortodoxa Russa - Paróquia Santa Zenaide já era existente desde o final dos anos 1930 e em relato Militza cita a importância desse ambiente: “[...] antigamente aqui [na igreja] quando chegava a Páscoa mal conseguimos entrar no pátio, de tanta gente que tinha. [...] Naturalmente mantendo as festas aqui [igreja], como tinham muitos russos, muitos amigos dos meus pais reuniam se também.”<sup>31</sup>

Esses dois trechos dizem respeito às festividades religiosas promovidas na paróquia, que eram um ponto de encontro entre os muitos imigrantes que haviam chegado na época e um local para que mantivessem suas tradições culturais e religiosas, preservando assim parte de sua identidade russa.

<sup>29</sup> Militza Putziger Depoimento de 14/10/2018, Rio de Janeiro.

<sup>30</sup> Galina Awerianow Depoimento de 14/10/2018, Rio de Janeiro.

<sup>31</sup> Militza Putziger Depoimento de 14/10/2018, Rio de Janeiro.

Sendo assim, a já existência de imigrantes russos no Rio de Janeiro tornou mais fácil a adaptação à cidade, visto que parentes e amigos que já viviam aqui lhes ajudaram a conseguir moradia e trabalho, além de já existir um ambiente onde poderiam socializar com outros russos e manter sua cultura e religião.

## **Considerações finais**

Por meio dessas análises, é perceptível que em decorrência da Revolução Bolchevique de 1917 e da Guerra Civil Russa, um grande quantitativo de famílias deixou o território da Rússia e se refugiou na China, em busca de uma vida melhor e mais segura. Esse destino foi muito escolhido devido à já existência de muitos russos na região, principalmente na cidade de Harbin, que havia se tornado uma grande cidade russa dentro da China devido à construção da ferrovia transmanchuriana.

Essa era uma região de próspero desenvolvimento econômico e onde podiam seguir suas tradições, além de ter acesso a bons empregos e boa educação. Apesar da predominância de escolas russas em Harbin, tanto lá como nas outras cidades que abrigaram russos, havia escolas estrangeiras onde os alunos podiam ter contato com o aprendizado da língua de outros países como o inglês.

Neste momento, suas instituições ainda eram livres e haviam multiplicidade de religiões nessas cidades, mesmo que em Harbin a Igreja Ortodoxa Russa fosse predominante. Essa situação se modifica com a dominação do Japão na Manchúria, que dificultou as relações comerciais e posteriormente com a ocupação soviética da Região, que acabou por mudar a lógica das instituições e adequá-las às normas soviéticas.

Com a Revolução Chinesa de 1949, a região foi entregue aos comunistas chineses e, por conta do grande desemprego na China, o trabalho foi nacionalizado, impedindo a permanência de estrangeiros no país. Para deixar a China eles iam até Hong Kong, que neste momento era domínio britânico e lá ficavam à espera de condições favoráveis para a migração.

Com a ajuda de instituições como a IRO e o Conselho Mundial de Igrejas, eles conseguiam migrar para outros países que lhes aceitassem. Os países que podiam lhes aceitar eram os da América do Sul, da América do Norte e a Austrália, entretanto, eles ficavam reféns da abertura de cotas de migração e de conseguirem os documentos necessários para a viagem. Também buscavam países com melhores condições financeiras, onde pudessem melhor se adaptar à língua e especialmente onde houvesse conhecidos que pudessem lhes ajudar.

O Brasil recebeu muitos desses imigrantes, que aqui chegando conseguiam

se estabelecer com a ajuda de amigos e parentes. Grande parte deles foi para São Paulo em busca de mais ofertas de trabalho, outros, porém, permaneceram no Rio de Janeiro. Os que haviam aprendido inglês nas escolas da China tiveram maior facilidade de conseguir emprego, visto que havia demanda por falantes de língua inglesa e poucos brasileiros falavam. O Rio de Janeiro já havia recebido muitos imigrantes russos e isso ajudou na integração e na preservação da cultura e das tradições religiosas desses indivíduos. Além de ser um fator importante que os recém-chegados tivessem acesso à moradia, educação e emprego.

Fica claro que os processos migratórios dos russos da China estão interligados com diversos grandes eventos da Geopolítica do início do século XX, que são perpassados ao longo deste estudo. Esses imigrantes sofreram um grande deslocamento pela influência desses processos históricos e precisaram adaptar seus modos de vida a distintas realidades para preservá-los. Fugiram pelo mundo buscando por melhores condições de vidas, onde pudessem viver de maneira livre e preservando suas identidades.

## Referências

ANDRADE, José H. Fischel de. O Brasil e a organização internacional para os refugiados (1946-1952). *Rev. bras. Polít. int.* [online]. 2005, v. 48, n.1, p. 60-96.

BAENINGER, Rosana ET AL.(orgs.) *Imigrantes Internacionais no pós-segunda Guerra Mundial. Campinas*. 1. ed. São Paulo, Núcleo de Estudos de População - NEPO, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade Anhembí, Universidade Federal de São Paulo, 2013.

CAMPO, G.B. *Dois Séculos de Imigração no Brasil: A construção da imagem e papel social dos estrangeiros pela imprensa entre 1808 e 2015*. 2015. 544 p. Tese (Doutorado Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura)- Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

DIAS, Zwinglio M. O Movimento Ecumênico: História e Significado. *Numen: Revista de estudos e pesquisa da religião*[online]. 1998, vol.1, n.1, pp 127-163.

HOBSBAWM, Eric J. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. 1. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

KATZ, Felipe Beltran. *O Iconostasis Paulistano: Mediação da Multiplicidade das Igrejas Orientais na Metrópole*. 2012. 166 p. Dissertação (Mestrado em História)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

MARIE, Jean-Jaques. *História da guerra civil Russa: 1917-1922.*: 1. ed. São Paulo, Contexto, 2017.

MENEZES, Lená Medeiros de. Refúgio no Brasil do pós-Segunda Guerra: a Ilha das Flores como representação do Paraíso. *Rev. Bras. de pesq. (Auto) Biográfica.* (2018), vol.3, n.7, pp.109-125.

MOUSTAFINE, Mara. *Russians from China: Migrations and Identity.* *Cosmopolitan Civil Societies: An Interdisciplinary Journal*, Sydney, v. 5, n. 2, pp. 143-158, ago. 2013.

POMAR, Wladimir. *A revolução chinesa.* 1. ed. São Paulo, Editora UNESP, 2004.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *As Revoluções Russas.* In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Org.). *O século XX.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 35-59. v. 2.

RUSEISHVILI, Svetlana. *Ser russo em São Paulo: os imigrantes russos e a (re)formulação de identidade após a Revolução Bolchevique de 1917.* 2016. 383 p. Tese (Doutor em Sociologia)- USP, São Paulo, 2016.

RUSEISHVILI, Svetlana. Perfil sociodemográfico e distribuição territorial dos russos em São Paulo: deslocados de guerra da Europa e refugiados da China após a Segunda Guerra Mundial. *Rev. bras. estud. popul.* [online]. 2018, vol.35, n.3.

SALLES, M. do R. (2002). Imigração e Política Imigratória Brasileira no Pós-Segunda Guerra Mundial. *Cadernos CERU*, 13, pp. 99-124.

SEYFERTH, Giralda. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. *Mana* [online]. 1997, vol.3, n.1, pp.95-131.

TOURTIER-BONAZZI, Chantal de. *Arquivos: Propostas Metodológicas.* In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos e Abusos da História Oral.* 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. cap. 19, p. 233-245.

VOROBIEFF, Alexandre. *Identidade e memória da comunidade russa na cidade de São Paulo.* São Paulo : Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2006. Dissertação de Mestrado em Geografia Humana.

## Fontes

## Depoimentos

PUTZIGER, Militza Bakinch. Entrevista concedida ao Autor. Rio de Janeiro. 14 out. 2018.

AWERINOW, Galina Alexandrovna. Entrevista concedida ao Autor. Rio de Janeiro. 14 out. 2018.

APRELKOFF, Tamara. Entrevista concedida ao Autor. Rio de Janeiro. 14 out. 2018.

**Periódicos:**

*A Noite*. 07 de set. 1953.

*A Noite*. 16 de set. 1953.

*Artigo recebido em 25/09/2019, aprovado em 28/10/2019.*